

ESTÍMULO INTELECTUAL E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: REFLEXÕES SOBRE O MODELO BIDIMENSIONAL DE JOSEPH LOWMAN

Mazilda Gonçalves da Silva Lins Batista

Mestre em Administração. Professora. Universidade Potiguar. E-mail: mazildasilva@unp.br

Francisco Maximiano Bezerra

Mestre em Ciências Sociais. Professor. Universidade Potiguar. E-mail: maximianobezerra@unp.br

Eudes Lins Batista

Especialista em Marketing e Engenharia de Redes e Internet. Economista e Professor. Universidade Potiguar. E-mail: eudes@unp.br

127

Envio em: maio de 2012.

Aceite em: junho de 2012.

Resumo: O estudo tem como objetivo analisar o modelo bidimensional de Joseph Lowman, que trata do *estímulo intelectual* para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem (dimensão 1) e o cuidado com os *relacionamentos interpessoais* (dimensão 2) que todo professor precisa ter no trato com os alunos para garantir a motivação e o interesse deles pelos conteúdos que estão sendo ministrados. Trata-se de um artigo de revisão por se caracterizar como um estudo bibliográfico ancorado no modelo lowmaniano que apresenta o pensamento do autor a partir de uma perspectiva descritiva e analítica. Justifica-se um estudo sobre tal assunto pela necessidade de esclarecer para os que estão envolvidos no trabalho docente, como deve ser a postura frente ao aluno no intuito de minimizar os problemas decorrentes da atuação docente. O estudo levou à compreensão sobre a importância do professor lecionar estimulando intelectualmente seus alunos e a não ter uma postura inflexível, rígida, autoritária que dificulta seu relacionamento interpessoal com os alunos.

Palavras-chave: Educação. Estímulo. Relacionamentos.

STIMULATE INTELLECTUAL AND INTERPERSONAL RELATIONS IN TEACHING-LEARNING PROCESS: REFLECTIONS ON THE TWO-DIMENSIONAL MODEL OF JOSEPH LOWMAN

Abstract: The present study aims to analyze the two-dimensional model of Joseph Lowman, dealing with the intellectual stimulation to enhance the teaching-learning (dimension 1) and the care of interpersonal relationships (size 2) that every teacher must have in dealing with students to ensure motivation and his interest by the content being taught. This is a review article because it is characterized as a lowmanian bibliographic study anchored in the model that presents the author's thought from a descriptive and analytical perspective. To justified the study, it was based on this subject by the need to clarify for who is involved in teaching, as how they should be acting with the student in order to minimize the problems of the teacher performance. The study led to the understanding of the importance of the teacher in teaching the students intellectually stimulating and not having a tough and authoritarian position, which hinders their interpersonal relationships with students.

Keywords: Education. Encouragement. Relationships.

1. INTRODUÇÃO

O ensino universitário tem sido alvo de profundas investigações por inúmeros pesquisadores de diversas áreas. Mas, em que consiste esse ensino exemplar? É o que se pretende responder a partir da linha de pensamento de Joseph Lowman quando ele esclarece que existem duas dimensões que devem ser consideradas quando se fala em ensino-aprendizagem: a dimensão intelectual e a dimensão do relacionamento interpessoal. Ao longo desse trabalho, o foco ficou centrado em como as duas dimensões de Lowman podem contribuir para que o trabalho docente seja otimizado.

Joseph Lowman é Professor de Psicologia e Reitor-Assistente de Artes e Ciências da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, onde leciona desde 1971; também já publicou inúmeros artigos sobre ensino, é palestrante famoso em conferências nacionais, e exerce também a função de consultor para administradores de universidades sobre avaliação e promoção do ensino efetivo.

A leitura do artigo sobre a obra *Dominando as Técnicas de Ensino* de Joseph Lowman mostra o modelo proposto por Lowman que envolve nove dimensões importantes que ajudam na reflexão sobre como dominar as técnicas de ensino no contexto da atualidade. Para Lowman (2004), o modelo baseado em nove estilos de ensino em sala de aula, é baseado em *duas dimensões*: (1) a sala de aula é uma arena dramática e um ambiente para um discurso intelectual e (2) é também uma arena humana, onde os comportamentos interpessoais de alunos e professores – muitos deles emocionais, sutis e simbólicos – afetam fortemente o moral, a motivação e o aprendizado do estudante.

Na dimensão 1, percebe-se que para ele, o ensino excelente cativa e estimula a imaginação dos alunos com ideias estimulantes e discursos racionais, onde todos os grandes professores parecem ter em comum o amor pelo que fazem e satisfação em despertar o amor em seus alunos. O ensino é vivo, ativo, interdisciplinar. Nessa perspectiva, o ensino deve promover o livre pensamento, as habilidades de comunicação, de resolução de problemas e que o aluno saia do curso com a capacidade de avaliar criticamente as informações.

Analisando o que foi proposto por Lowman (2004), verificou-se que o ensino pode acontecer por meio de três categorias: fatos e teorias; aplicação desses conhecimentos; e habilidade na resolução de problemas. Para ele, a construção do sujeito pensante que vai atuar socialmente com a concatenação de tais categorias, deve ocorrer com o intuito de formar uma cidadania responsável. Ele ressalta ainda que o comportamento hostil, rígido ou burocrático do professor não é garantia de um ensino de qualidade.

De acordo com Lowman (2004), promover relacionamentos interpessoais positivos com os estudantes é de vital importância hoje. O professor deve estimular intelectualmente os



estudantes e possuir a qualidade da clareza o que vai auxiliar no processo de motivação dos alunos, causando um impacto emocional positivo e refletindo no modo como o material será assimilado. Dentro desta perspectiva, o professor precisa ter domínio de seu conteúdo. Professores exemplares devem ser capazes de explicar ideias e as conexões entre elas, de forma que faça sentido.

Na Dimensão 2, a do relacionamento interpessoal, o autor trata da consciência que o professor tem desses fenômenos interpessoais e de quanto os alunos são vulneráveis a tais emoções que os perturbam quando são controlados de modo coercitivo e autoritário. O autor acha que os professores precisam perceber tais emoções e o quanto alguns estudantes são sensíveis a elas. Ou seja, o professor não pode negligenciar a sua capacidade de se comunicar com os estudantes de modo a estimular a motivação, o prazer e o aprendizado autônomo, despertando emoções positivas, tais como a de que o professor respeita os estudantes como indivíduos e os vê como capazes de um bom desempenho. Deve assim, enfatizar a interação de mão dupla entre professores e alunos, por meio de aprendizagem cooperativa.

Sem dúvida, o autor conseguiu levar o leitor a refletir sobre o papel da educação no contexto da atualidade, considerando que o professor precisa passar por uma mudança paradigmática para compreender que o comportamento do aluno vai depender muito da forma como o ensino é preparado, e se o professor se preocupar de fato com o aluno, ele irá prepará-lo para uma cidadania responsável por meio do estímulo e motivação para o conhecimento.

Neste sentido, o artigo intenciona realizar uma reflexão sobre o modelo bidimensional de Joseph Lowman contribuindo para uma compreensão otimizada da relação professor-aluno e do aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem nas universidades.

Mais especificamente o estudo pretende:

- a) Analisar a dimensão 1, a do *estímulo intelectual* e seus impactos sobre o processo de ensino-aprendizagem, identificando as respostas obtidas (do alto ao mais baixo grau) para analisar como os alunos respondem ao trabalho docente;
- b) Assimilar a dimensão 2, a do *relacionamento interpessoal* que trata da consciência de que o professor tem do assunto e de quanto os alunos são vulneráveis a tais emoções que os perturbam quando são controlados de modo coercitivo e autoritário, identificando as respostas obtidas (do alto ao mais baixo grau) e analisá-las.

Realizar um estudo sobre o tema em questão: *A dimensão do estímulo intelectual e dos relacionamentos interpessoais no trabalho do docente* se reveste de vital importância em função de identificar bibliograficamente, uma amostra de professores que atuam de forma excelente na arte de ensinar, representando uma reflexão sobre os dados coletados sobre as práticas específicas do ensino deles. Lógico que aqui não se tem a pretensão de fazer uma prescrição sobre como deve ser o melhor professor, mas de procurar informações valiosas que sejam compartilhadas para o benefício de todos os professores que desejam aperfeiçoar suas práticas em sala de aula.

De acordo com Marconi e Lakatos (2007), os artigos podem ser de dois tipos: *artigo original* quando apresenta temas ou abordagens inéditos, relata dados de pesquisas; e *artigo de revisão* que analisa e discute trabalhos já publicados, sendo, normalmente, resultado de

uma pesquisa bibliográfica. O presente estudo classifica-se como artigo de revisão bibliográfica partindo da linha de pensamento de Joseph Lowman.

A pesquisa bibliográfica apontou que as observações feitas por Joseph Lowman usaram as indicações de professores para os prêmios de ensino na Universidade da Carolina do Norte nos EUA e seu objetivo não era escrever um ensaio sobre o melhor professor contemporâneo [...] “minha meta era procurar informações práticas sobre o assunto e elas serem apresentadas com o intuito de beneficiar os professores que aspiram aperfeiçoar seu trabalho em sala de aula” (LOWMAN, 2004, p. 19).

A pesquisa baseada em Lowman tomou por base os anos de trabalho e da experiência como professor universitário e supervisor de professores pós-graduandos. Nos últimos anos, para aperfeiçoar a pesquisa, ele selecionou 25 professores universitários exemplares, de uma série de matérias, em diversas faculdades e universidades da Carolina do Norte e da Nova Inglaterra, no começo dos anos 1980, reputados, indicados pelos outros docentes ou administradores que foram solicitados a dizer quais membros do corpo docente eles consideravam “professores soberbos em sala de aula” (LOWMAN, 2004, p. 18).

Lowman conseguiu uma lista de quatro ou cinco nomes por universidade com nomes dos professores e, com exceção de alguns, todos os que eram observados, foram considerados como detentores de um ensino da mais alta qualidade: eram intelectualmente estimulantes, claros, envolventes, inspiradores. Os alunos os tinham em alta conta. A partir da observação, ele criou o modelo bidimensional, constituindo-se em um estudo que abrange não apenas a observação do professor, mas também do aluno, encontrando as respostas para as duas dimensões que ele classificou como: estímulo intelectual (dimensão 1) e relacionamentos interpessoais (dimensão 2) as quais serão aqui apresentadas e discutidas.

2. DIMENSÕES DO PENSAMENTO DE LOWMAN

A análise do modelo bidimensional de Joseph Lowman que trata do *estímulo intelectual* para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem (dimensão 1) e o cuidado com os *relacionamentos interpessoais* (dimensão 2) traduz-se em uma reflexão importante sobre como o professor pode redesenhar sua atuação.

Estimular intelectualmente e manter um relacionamento interpessoal com os alunos, exige um repensar constante. Acredita-se que a Instituição de Ensino Superior deve atrair professores que sejam capazes de atuar em várias frentes e que assegurem uma formação sólida ao aluno. Ele não deve produzir olhares fragmentados, para não correr o risco de afastar o aluno de uma relação crítica do conhecimento, tornando-o incapaz de se relacionar com a construção do saber. É preciso que o professor dê aos estudantes a oportunidade de extrapolar os mestres, que sejam críticos, dialéticos, capazes de fazer a leitura sobre o mundo (FREIRE, 1996). Não basta, então, só ensinar o que sabe. É preciso fugir da visão da produção em série (porque é arriscado agir assim). Transmitir a matéria da melhor maneira possível é a tarefa do professor. Na verdade, o docente que pesquisa não se contenta com a transmissão, pois ele consegue fazer o aluno se apaixonar pela busca do saber. Desse

modo, recursos metodológicos devem ser aprimorados e adequados para enfrentar mais lucidamente os problemas em sala de aula.

Mas o que fazer com os alunos com base frágil? Tem-se aí um problema. A Instituição tem o compromisso de receber o fraco (“E”, por exemplo) e melhorá-lo para A, o que se torna uma tarefa difícil, um dilema. As universidades privadas nem sempre selecionam os melhores alunos como acontece com as Instituições Federais de Ensino Superior. Então, o professor, diante desse cenário, deve saber discutir os textos, ter experiência de produção de conhecimento. É realmente um desafio.

Deve-se levar em consideração ainda que se viva a Era do Vazio, conforme Lipovetsky (2005), que sugere que o fascínio pelo nada parece tomar conta do comportamento moderno, o que explica o desmoronar das ideias, a permanente presença da frieza nas relações com o outro, fruto do aceleração do sistema capitalista que despolitiza, que gera o desinteresse pelo que é a coisa pública e faz com que o *Homo Psicológico* passe a tomar conta do cenário contemporâneo com força total. Mas é preciso saber vencer todas as dificuldades. O que aparece nesse cenário, não é angústia, são sujeitos indiferentes (não é mais nem revolta).

Desse modo, os alunos ficam indiferentes em relação ao que o professor passa, ocorrendo apatia, ceticismo, desafeto pelo saber, pior que o tédio, fazendo com que a escola se assemelhe ao deserto. Por isso, o professor tem que ensinar por prazer. Ele tem que além de ter prazer, ser inovador (E aprender é trabalhoso. Há uma dor que vem implícita). Porque se o interesse por si cresce, pelo outro decresce (narcisismo contemporâneo) e o professor tem que saber como lidar com tais questões. É necessário o professor entender que o que interessa é a *novidade* porque diariamente os alunos são bombardeados por imagens de todos os tipos e acaba a informação do professor sendo mais uma. E cai na apatia (LIPOVETSKY, 2005).

É preciso ainda fazer uma reflexão sobre que tipo de alunos tem-se em sala, partindo de uma reflexão sobre a natureza do *mal* em nosso século. Isso porque o mal foi banalizado. Passou a ser compreendido como algo que é normal. E o homem desolado é um súdito ideal. Ele é negativo, vive no silêncio, transforma-se em um homem qualquer. Incapaz de pensar. Não se compreende no contexto. Eis a chave para entender que tipo de aluno tem-se diante do professor. Ele é indiferente ao saber. Para ele tudo é banal. Por isso ele conversa, tem fascínio pelo nada, sua vida está desolada e ele não se liga aos outros. Não se consegue ser equipe. Em tal contexto, o aluno é incapaz de se indignar, porque possui paixão pela ignorância. A estupidez e a tolice tomam lugar privilegiado no campo do saber. Em tal situação, o professor como figura de autoridade vai se esvaziando, conforme esclarece Lipovetsky (2005). A ética fica subjetiva. Mas a solução apontada para minimizar os efeitos provocados é trazer a esperança e o entusiasmo do professor pelo trabalho docente com o intuito de contornar as dificuldades e, principalmente, resgatar a *delicadeza* que deve estar presente no trabalho que realiza.

No contexto contemporâneo, conforme coloca Masetto (2003), há a descartabilidade das virtudes humanas e sua repercussão na construção da autonomia do sujeito. Enfatizou-se o problema da perda da sensibilidade. Discutiu-se a Sociedade da solidão, do consumo – em que se perde o vínculo com si mesmo. Procurou-se evidenciar a necessidade de compreender que processos como a exclusão das pessoas (sejam elas deficientes, negros, mulheres, pobres, homossexuais etc) são prejudiciais ao processo de ensino-aprendizagem.

É necessário fugir da ideia de uniformização das pessoas, da monocultura das mentes, da ideia de que todos pensam da mesma maneira. Nessa perspectiva, os alunos não devem estar expostos a conteúdos em blocos (eles devem entender a interligação entre os saberes que só podem ser bem aproveitados se forem vistos de forma interdisciplinar).

Ao professor compete a busca pela autoridade sem imposição, ele tem que seduzir, saber dialogar, despertar sonhos, passar a acreditar no processo que está inserido, mesmo que a realidade que se apresente seja de alunos imediatistas, cujo perfil seja deficitário, conforme coloca Freire (1996). É preciso produzir sujeitos capazes de ter autonomia no pensar. A universidade que seleciona, tem o seu papel a cumprir no momento que aceita os alunos com todas as carências que trazem. Ao estudante cabe assimilação ótima, mas nem sempre isso é possível. O professor, por sua vez, precisa transmitir o material da melhor maneira possível.

Sendo assim, é preciso reconstruir os vínculos, refletir sobre os valores das virtudes na construção da autonomia, entender que o Ato de educar é um ato de entrega. É preciso entender o desejo inerente de aprender. Não se deve esquecer de levar o aluno a pensar. É importante haver gratidão pelos alunos, carinho, amor, respeito e humildade. Só assim será possível repensar a educação. A arrogância deve ficar de lado. É possível pensar em como fazer para exercitar o perdão cotidianamente. Isso porque, as palavras são a mais poderosa droga utilizada pela humanidade. Só evitando o risco de produzir estudantes passivos, evitando o pacto da mediocridade que o professor consegue assumir responsabilidade para produzir outro tipo de estudante. O professor, no entanto, deverá saber como lidar com os problemas que advêm dessa relação, compreendendo como lidar com a entrada em massa de alunos, até para poder pensar junto com a instituição como solucionar o problema e evitar o fracasso escolar, sempre respeitando a diversidade.

Dentro desta perspectiva, é possível realizar uma reflexão sobre o pensamento de Joseph Lowman (2004) a partir das dimensões acima citadas e a seguir explicitadas.

2.1. ESTÍMULO INTELECTUAL

O ensino é algo que precisa ser muito bem planejado por aqueles que exercem a função docente e um fator que está aqui sendo priorizado diz respeito à forma como o professor estimula intelectualmente os seus alunos. De acordo com o Quadro 01 a seguir, Lowman (2004) verificou que o ensino, quando ele é claro, torna-se estimulante, mas para isso, é preciso que o professor seja organizado, se preocupe em apresentar o conteúdo de forma clara, relacionando os conceitos teóricos com a prática enfatizando-os de forma envolvente.

O professor, no entanto, precisa de bastante energia, incluindo um toque de tensão dramática, o que só é possível se de fato, gostar do que faz. A pesquisa de Lowman (2004) traz um indicativo importante quando afirma que o impacto disto sobre os estudantes é muito bom, pois estes se sentem confiantes sabendo separar o que é importante do que não é, estabelecendo conexões teórico-práticas e havendo pouca confusão sobre o que o professor quis ensinar, estimulando assim novas ideias que passam a ser melhor aprendidas e a aula acaba passando mais depressa e os alunos ficam mais compenetrados no conteúdo do que em notas. Acaba que os estudantes odeiam perder as aulas, e avaliam seus professores como ótimos ou fantásticos.

Quadro 1: Estímulo intelectual em nível alto

Resposta dos Estudantes – Alto: extremamente claro e estimulante	
Descrição do ensino pelo observador	Impacto sobre os estudantes
Todo conteúdo é extremamente bem organizado e apresentado em uma linguagem clara.	Os estudantes sabem para onde o professor está indo e podem distinguir a matéria importante da não importante.
Relacionamento entre conceitos específicos e aplicações a novas situações são enfatizados.	Estudantes vêem as conexões entre os conceitos e podem aplicá-los a novas situações
O conteúdo é apresentado de forma envolvente, com grande energia e forte sentido de tensão dramática.	Estudantes fazem pouca confusão sobre a matéria ou sobre o que o professor disse
Os professores parecem adorar apresentar a matéria.	Estudantes têm uma boa noção de por que os conceitos são definidos de maneira como são.
	Ideias parecem simples e razoáveis, quase óbvias, e são facilmente lembradas.
	É muito fácil prestar atenção no professor (quase impossível devanear).
	A aula parece passar muito depressa, e os estudantes podem ficar tão presos às ideias que se esquecem de tomar notas.
	Os estudantes experimentam um senso de excitação em relação às ideias em estudo e geralmente odeiam perder as aulas.
	Os cursos e os professores são provavelmente descritos como ótimos ou fantásticos

Fonte: Lowman (2004).

Tais atitudes vão ser corroboradas por Rodrigues (1997 *apud* MIRANDA, 2008, p.1), quando ele afirma que “o educador não é simplesmente um repassador de conhecimentos para seus alunos, pois o seu papel é bem mais amplo, ultrapassa uma simples transmissão de conhecimentos” o que leva a ideia de que para o professor ser realmente aceito pelo aluno, ele necessita estimulá-lo intelectualmente, provocá-lo.

Gadotti (1999, p. 2) expressa uma ideia importante sobre o estímulo intelectual que deve ser dado pelo docente ao aluno: ele propõe que o educador para pôr em prática o diálogo, “não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida”.

Freire (1996, p 96) inclusive enfatiza que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

O que vai ao encontro do que afirma Lowman (2004), quando fala que o estímulo intelectual consegue “trazer vida à aula, tornando-a menos cansativa e se transforma numa

oportunidade de crescimento frente à vida”. Portanto, os professores devem refletir sobre as próprias atitudes que encorajam o estímulo ao pensar, não encorajando a continuidade de aulas desinteressantes, pouco criativas que não agreguem valor e significado ao que está sendo aprendido.

Nesta perspectiva, Rangel (1992 *apud* MIRANDA, 2008, p. 4) explica que o relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de troca, de solidariedade, de respeito mútuo, porque não se concebe desenvolver qualquer tipo de aprendizagem em um ambiente hostil, tendo em vista que o respeito que o aluno tem pelo professor é unilateral, dando origem a dois sentimentos distintos: medo e afeto.

O Quadro 2, a seguir, demonstra que a resposta dos estudantes ao professor moderado (razoavelmente claro e interessante). Lowman (2004) descreve o ensino Moderado quando o professor apresenta o conteúdo de forma organizada e interessante, mas com moderado nível de energia e envolvimento com a classe. Para os estudantes os conceitos são bons, fazem anotações com facilidade, fazem conexão da teoria com a prática; a maioria tem prazer e moderado grau de interesse nas aulas e avaliam seus professores como bons.

Quadro 2: Estímulo intelectual em nível moderado

Resposta dos Estudantes – Moderado: Razoavelmente claro e interessante	
Descrição do ensino pelo observador	Impacto sobre os estudantes
Os fatos e as teorias são apresentados claramente dentro de um quadro conceitual organizado.	O entendimento dos estudantes da maioria dos conceitos é preciso e completo; eles acham fácil fazer boas anotações.
O material é apresentado de maneira interessante, com um nível moderado de energia.	Estudantes podem ver conexões entre a maioria dos conceitos e entendem os exemplos oferecidos na classe e no texto.
O professor parece moderadamente entusiasmado e envolvido em ensinar para a classe.	A aula é moderadamente interessante e prazerosa para a maioria dos estudantes.
	O curso e o professor são provavelmente descritos como “bons” ou “sólidos”.

Fonte: Lowman (2004).

Analisando o Quadro, é possível fazer diversas interconexões: ser moderado não é suficiente para garantir o estímulo intelectual no nível de excelência. O educador precisa estar à frente de seu tempo, ter domínio sobre o conteúdo, entender que interações os alunos de hoje fazem com as mídias e como a aula pode conter elementos do cotidiano atual. Não é possível estimular um aluno hoje, por exemplo, sem o uso da internet. Ela auxilia sobremaneira o trabalho docente, permitindo que o professor e o aluno possam interagir com o conhecimento de forma totalmente estimulante. O professor é um detentor de métodos e técnicas que aprimoram a inserção do aluno no mundo do saber. É preciso, pois, entender a diferença entre conhecimento morto e conhecimento vivo. Ambos têm relação direta com a corrupção existente no meio acadêmico no qual o professor estabelece o pacto da mediocridade (finge que ensina e o aluno que aprende). Ora, agir assim significa colocar gerações inteiras sobre o domínio da mediocridade.



Para Rangel (1992 p. 78), “a universidade deve se ocupar com seriedade, com a questão do saber, com o conhecimento, para que os seus professores não sejam classificados apenas como bons pela maioria dos estudantes”. Tal pensamento reforça o que expôs Lowman (2004) e é reforçado por Lopes (1991, p. 146 apud MIRANDA 2008 p. 5) quando afirma que

[...] as virtudes e valores dos professores que conseguem estabelecer bons laços com os alunos têm uma direta relação com a forma como o professor trata o conteúdo e como ele transmite para o aluno, por isso, o professor precisa aperfeiçoar a sua metodologia se preocupando com o aprendizado e nível de satisfação dos alunos, acreditando nos seus potenciais e deixando prevalecer uma visão humanística onde o professor e o aluno possam, enquanto agentes históricos na sociedade em que vivem, atuarem de forma crítica para formação de um cidadão que não seja acomodado passivo e alheio ao conhecimento que a universidade lhe possibilita.

Vasconcelos (2000, p. 2) corrobora com tal visão quando coloca a esse respeito que “quando o educador consegue entender o poder da pedagogia do amor e todo o bem querência que a mesma traz, mais e mais alunos aprenderão com maior facilidade e gosto e, acima de tudo, mais e mais professores notáveis e inesquecíveis passarão pela vida dos estudantes deixando marcas positivas que refletirão diretamente na formação do indivíduo.

Quando se compara o que os autores citados colocam com o que diz o Quadro 2 de Lowman (2004), no impacto moderado sobre os estudantes, verifica-se que o entendimento dos estudantes não é tão alto, mas eles ainda acham fácil fazer boas anotações sobre o que está sendo passado, embora, a maioria dos conceitos precisem de estímulo maior por parte do professor ao serem repassados pois, os professores neste nível não são considerados ótimos mas apenas bons.

É importante salientar ainda o que afirma Masetto (2003, p. 115), que “é o modo de agir em sala de aula, mais do que as características de personalidade do professor, que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos”. Portanto, as universidades precisam manter um olhar atento sobre a questão da qualidade do ensino realizado nas salas de aula. Não é suficiente apenas ter o título de mestre ou doutor. É preciso mais. É preciso que exista interesse verdadeiro pelo que está sendo transmitido e, mais importante, compreender se, de fato, o aluno está aprendendo. De nada adianta uma excelente exposição, se o aluno não está conseguindo interagir com o conteúdo e o mantém longe de si como se dele não fizesse parte.

Na forma de ensinar onde o relacionamento interpessoal é descrito como “baixo”, o professor apresenta apenas parte do material com clareza e outras partes são expostas de forma vaga e confusa; a matéria é apresentada com pouco entusiasmo e o professor não demonstra gostar de dar aulas. Por sua vez, os alunos têm pouca compreensão do conteúdo, têm dificuldade de fazer anotações, de aliar à teoria a prática, de se concentrarem nas aulas, dão desculpas para não virem às aulas, e avaliam os professores como “enfadonhos” ou “horribéis”, conforme ilustra o Quadro 03:

Quadro 3: Estímulo intelectual em nível baixo

Resposta dos Estudantes – Baixo: Vago e monótono	
Descrição do ensino pelo observador	Impacto sobre os estudantes
<p>Parte do material é bem organizada e apresentada com clareza, mas outras partes são vagas e confusas.</p> <p>A maior parte da matéria é apresentada com pouca energia ou entusiasmo.</p> <p>O professor pode parecer odiar dar aulas e estar tão entediado quanto os alunos.</p> <p>A maioria dos estudantes acha difícil tomar nota das aulas.</p>	<p>Estudantes têm pouco ideias para onde o professor está indo ou por que o material é apresentado daquela maneira ou então não têm nenhuma ideia. Estudante frequentemente experimentam confusão ou incerteza.</p> <p>A maioria dos estudantes acha difícil tomar nota das aulas. Estudantes veem poucas relações entre conceitos e pouca relevância do conteúdo para a sua própria experiência.</p> <p>Estudantes acham difícil prestar atenção, e as horas em classe parecem passar muito devagar.</p> <p>Estudantes frequentemente experimentam uma sensação de frustração ou raiva e podem temer vir à aula, dando desculpas para não ir.</p> <p>O curso e o professor são provavelmente chamados de “enfadonhos” ou horríveis</p>

Fonte: Lowman (2004).

É bastante compreensível a preocupação de Lowman (2004), pois nada mais enfadonho do que assistir aula com professor desmotivado, de mau humor, sem demonstrar amor pela atividade exercida, sem capacidade de despertar no aluno à curiosidade e capacidade de aprender a pensar, de aprender a aprender; fazendo analogia é como um agricultor com ótimas sementes e solo fértil, mas que não semeia as sementes de forma adequada e assim acaba tendo sua futura colheita toda comprometida.

Um professor deixará suas marcas nos alunos. Para Freire (1996, p. 96) seja de que tipo for o professor: autoritário, licencioso, competente, incompetente, irresponsável, amoroso, mal-amado, frio, burocrático; nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. Portanto, é preciso refletir sobre o trabalho docente, descobrindo em que medida, ele pode auxiliar no estímulo intelectual que todo aluno precisa ter para crescer como pessoa.

Lowman (2004) e Sordi (1998, p 232) concordam em um ponto importante: a marca predominante do ensino de terceiro grau tem sido a de valorizar sobremaneira o conjunto de informações que se repassa ao aluno e que *supostamente* [grifo nosso] representa os conteúdos selecionados para garantir densidade teórica aos egressos a fim de que respondam às demandas de mercado de trabalho. Toma-se como pressuposto que a competência profissional é grandeza que cresce diretamente proporcional ao volume de informações recebidas, em detrimento do grau de profundidade necessário para transformar essas informações em conhecimentos significativos e, por conseguinte duradouros. Mas, na verdade, não se deve caminhar por tais veredas. Apenas levar o conhecimento sem estimular o aluno a compreendê-lo dentro de uma situação específica (um estudo de caso, por exemplo) acaba inutilizando de algum modo o que está sendo transmitido, pois passa apenas a ser mais e mais informações em meio a muitas outras.

Lowman (2004) e Sordi (1998) concordam ainda que como consequência dessa lógica, a gestão do processo educativo é regida por uma visão estática de tempo. Não há tempo a perder, o que submete docentes à ditadura do relógio curricular. As vozes dos alunos são silenciadas para permitir que o professor ensine mais mesmo que esse ensino não se concretize em aprendizagem.

Assim, o grande número de informações e conhecimentos hoje repassados aos alunos, e conseqüentemente a cobrança do aprendizado dos conhecimentos repassados é uma va-



riável que em alguns momentos tem peso na avaliação dos professores pelos alunos, que em certas ocasiões tendem a avaliar melhor o professor pouco exigente.

No cenário do mercado de trabalho atual, não há espaço para pouca exigência intelectual, pois se o professor não exigir, o mercado exigirá, e será nestas condições de pressão que o bom professor, apaixonado pela profissão terá a missão de estimular o aluno à dedicação acadêmica, pois caso contrário ficará enquadrado como um professor monótono com alunos desinteressados pelas suas aulas, pouco influenciando em sua formação profissional.

2.2. RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

Na análise da dimensão II, proposta por Lowman (2004), percebe-se a existência de três níveis de relacionamento, alto, moderado e baixo, conforme quadro abaixo, que descreve os procedimentos adotados pelo professor e os impactos gerados nos alunos. O uso dessas práticas estabelece maior ou menor interação que favorece o relacionamento professor aluno.

Nessa perspectiva, Lowman (2004) utiliza em seus estudos a Dimensão II que trata da consciência que o professor tem desses fenômenos interpessoais e de sua habilidade em se comunicar com os estudantes de modo a aumentar a motivação, o prazer, e o aprendizado autônomo. Isso é feito, essencialmente, de dois modos. O primeiro é evitar estimular emoções negativas – principalmente a ansiedade e a raiva excessivas contra o professor; o segundo é promover emoções positivas, tais como o sentimento de que o professor respeita os estudantes como indivíduos e os vê como capazes de um bom desempenho.

Tratando-se do processo de aprendizagem que, diga-se de passagem, é significativamente complexo, em razão dos diversos fatores interno e externo, Gil (1997 p. 59) comenta que é mister observar por parte dos professores, algumas questões de grande relevância tais como: motivação, concentração, memorização realimentação e diferenças individuais dos alunos. Na visão de Lowman (2004), o relacionamento professor x aluno, exerce papel preponderante no aprendizado, daí estabelecer sua análise que no nível descreve da seguinte forma:

Quadro 4: Relacionamento Interpessoal – Nível de relacionamento Alto

Nível de relacionamento Alto: Extremamente caloroso e aberto; altamente centrado no estudante; previsível.	
Descrição do ensino pelo observador	Impacto sobre os estudantes
Professor parece ter grande interesse nos estudantes como pessoas e grande sensibilidade para captar suas mensagens sutis em relação à matéria ou a sua apresentação.	Estudantes sentem que o professor conhece quem eles são e se interessa bastante por eles e por seu aprendizado.
Professor reconhece os sentimentos dos alunos sobre as tarefas atribuídas ou os procedimentos em classe e os encoraja a expressar seus sentimentos; pode perguntar sobre a sua preferência em algumas questões.	Estudantes têm sentimentos positivos e talvez afetuosos para com o professor; alguns podem se identificar fortemente com ele.
Professor encoraja os estudantes a fazer questionamentos e parece desejoso de que eles expressem pontos de vista pessoais.	Estudantes acreditam que o professor tem confiança em sua capacidade de aprender e pensar independentemente sobre a matéria.
Professor comunica tanto aberta quanto sutilmente que a compreensão da matéria por cada estudante é importante para ele.	Estudantes são altamente motivados a dar o melhor de si, em parte para não desapontar a grande expectativa que o professor tem sobre eles.
Professor encoraja os estudantes a serem criativos e independentes no tratamento da matéria para formular seus próprios pontos de vista.	Estudantes provavelmente descreverão o professor como uma “pessoa fantástica”

Fonte: Lowman (2004).

O processo de interação professor aluno, neste nível, é altamente significativo para a aprendizagem, dados os impactos positivos que estes exercem sobre os alunos. Neste caso, o autor descreve sobre o professor aberto e centrado no aluno, com uma comunicação limpa e ideal, do professor virtuoso e com grandes habilidades. Neste caso, a motivação do aluno está centrada na forma calorosa e aberta do professor.

Corroborando com este pensamento, Gil (1997) afirma que através da motivação, o professor estabelece uma relação mais intensa com o aluno e para tanto, o professor deve estimular e despertar o interesse para que o aluno passe a participar com mais intensidade das aulas, criando mecanismo que favoreça anotações, que os estimulem a falar, inclusive dando depoimentos pessoais, questionar e sugerir. Agindo dessa forma, o professor é visto pelos alunos com outro olhar, vez que se sentem valorizados e acreditados, o que os estimula a resultados positivos.

O docente deve ainda desenvolver atividades que permitam aos alunos construir seu próprio conhecimento e tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico e objetivo, ampliando as formas de comunicação interpessoal, coletiva e audiovisual. Essas atividades rendem frutos positivos, pois possibilitam uma reflexão, uma correlação entre prática e teoria. Não existe uma receita, dada a diversidade de situações. No entanto, é fundamental que cada docente se identifique com a turma, interaja, comunique-se bem e ajude aos alunos a se apropriarem dos conhecimentos, aprendendo mais, construindo mais. É importante que o professor diversifique suas aulas, que inove, e que avalie as suas aulas junto aos alunos.

No processo dual da comunicação se estabelece a interação e o aprendizado, “Só se aprende em contato com um outro; não aprendemos sozinhos, porque todo desejo é desejo do outro e todo conhecimento é conhecimento do outro”. (GROSSI, 1990, p. 49). Assim, a comunicação ocupa significativa importância no aprendizado entre as pessoas que se verifica através dos olhares, nas posturas corporais, nos símbolos, nos tons da voz e até mesmo no silêncio. Assim, nessa interlocução dar-se o conhecimento do outro. Como passo a minha imagem e como quero que o outro me veja. Só assim, acredita-se ser possível trabalhar com previsão os inter-relacionamentos.

Com relação à perspectiva moderada, descrita a seguir, refere-se ao tipo de professor com atitudes médias que não empolga os alunos em sua plenitude, conforme mostra o Quadro 05 a seguir.

Quadro 5: Dimensão II: Relacionamento Interpessoal – Nível de relacionamento Médio

Nível de relacionamento Moderado: Relativamente caloroso, acessível, democrático e previsível.	
Descrição do ensino pelo observador	Impacto sobre os estudantes
Professor é amigável e pessoal para com os estudantes, mas não faz grande esforço para conhecer a maioria deles.	Estudantes têm pouco receio ou ansiedade com relação ao professor, ou a sua capacidade de sair-se bem no curso.
Professor anuncia regras e discute as reações dos estudantes com eles se reclamarem.	Estudantes sabem o que o professor espera deles, mas sentem pouca responsabilidade em ir além daquele nível de desempenho.
Professor responde às perguntas e comentários pessoais dos alunos educadamente e sem aparentar irritação.	Estudantes são razoavelmente bem motivados a completar e desempenhar bem a tarefa.
Professor é relativamente consistente e previsível no comportamento em relação aos estudantes; dá amplas informações antes de anunciar exigências ou mudanças no programa.	Estudantes provavelmente descrevem o professor como uma “pessoa simpática” ou um “cara legal” ou uma mulher simpática.

Fonte: Lowman (2004)

Este tipo de professor é reconhecido pelos alunos, mas não causam grandes impactos. Em análise, a comunicação é base fundante no relacionamento interpessoal propiciando processo de socialização entre os indivíduos. Sem ela, e independente da escola, não ocorreria o aprendizado que se estabelece entre os seres humanos nas suas relações interpessoais e sociais. No entanto, é na escola que o relacionamento assume papel preponderante e a comunicação realça a formalidade e a padronização para reproduzir valores culturais e os conhecimentos desejados.

Esta prática cultural que se dá ao longo da vivência social, permite o aprendizado correto e ou prejudicial. Em um aprendizado correto conforme padrões sociais, ocorre uma relação saudável, caso contrário, surgem conflitos no processo de convivência de uns com os outros.

Assim, as nossas atitudes, sejam elas um gesto, uma postura corporal, uma expressão fisionômica, uma palavra, um suspiro, um conter de respiração, pode demonstrar uma forma de repassar a informação na relação estabelecida com os outros, conseqüentemente, com o mundo que os cerca. Dessa forma, o comportamento do ser humano, as reações afetivas estabelecidas nas diversas formas de comunicação revelam as suas percepções em relação ao objeto percebido. Assim, neste nível, o professor é amigo, simpático, legal, mas não empolga pois se encontra razoavelmente motivado.

O terceiro nível revela por parte do professor um relacionamento interpessoal baixo, identificando um professor com atitudes controladoras, distanciados dos alunos, mostrando pouco interesse, não se identificando com os alunos e não os conhecendo, muitas das vezes fora da sala de aula. Esta situação afeta diretamente aos alunos que entendem e relacionam esta postura a falta de interesse do professor por sua aprendizagem. Nessa situação, pode-se detectar um professor com métodos arcaicos e autoritários e alunos com baixo aprendizado e sem participação do processo de aprendizado.

Assim posto, o nível de relacionamento interpessoal baixo, definido por Lowman (2004), desvela certa rejeição ao processo de aprendizagem conforme demonstra o Quadro 06 a seguir.

Quadro 6: Dimensão II: Relacionamento Interpessoal – Nível de relacionamento Baixo

Nível de relacionamento interpessoal baixo: distante, altamente controlador, poder também ser imprevisível.	
Descrição do ensino pelo observador	Impacto sobre os estudantes
Professor mostra pouco interesse nos estudantes como pessoas; conhece poucos por seus nomes e pode não reconhecer muitos deles fora de aula.	Estudantes sentem que o professor não tem interesse pessoal por eles ou por sua aprendizagem; alguns estudantes podem acreditar que o professor não gosta mesmo deles ou que está querendo prejudicá-los.
Professor é ocasionalmente sarcástico ou abertamente desdenhoso sobre os estudantes, seu desempenho no curso, ou seus interesses não acadêmicos.	Estudantes acreditam que o professor tem má opinião sobre sua capacidade e motivação para aprender o conteúdo do curso.
Professor parece irritado ou apressado quando estudantes fazem perguntas ou aparecem sem avisar, às vezes mesmo em horário de atendimento aos alunos.	Estudantes geralmente têm receio de fazer perguntas, e somente o mais corajoso irá verbalizar uma opinião pessoal.
Professor simplesmente anuncia exigências e regras e parece defensivo ou irritado quando são questionadas.	Estudantes são motivados a trabalhar essencialmente pelo medo de fracassar ou de ser ridicularizado pelo professor, e veem as tarefas como algo que o professor impõe a eles.
Professor pode ser inconsistente e imprevisível – por exemplo, fala sorrindo alguma coisa insultante sobre os estudantes, fazendo elogios irônicos, ou anunciando tarefas ou exigência no último minuto.	Mesmo que os estudantes estejam interessados no conteúdo, podem temer estudá-lo ou repensar o seu desejo anterior de especializar-se na matéria. Estudantes sentem-se desconfortáveis na classe ou perto do professor e podem algumas vezes experimentar ansiedade ou raiva significativa. É provável que os estudantes descrevam o professor como um “chato ranzinza” ou “canalha”

Fonte: Lowman (2004).

Remetendo-se ao processo de educação em sala de aula, torna-se mais comprometedor, em razão do papel do professor, na formação dos indivíduos. Educar é uma relação dual que exige uma identidade, uma interação, estabelecendo-se uma colaboração para que professores e alunos transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. Nesse sentido, o professor deve ajudar e orientar os alunos na construção do seu conhecimento, no traçar dos seus caminhos, descobrindo habilidades e competências que contribuam para o seu projeto de vida como cidadãos e profissionais responsáveis e comprometidos.

Esse processo é comprometido em razão do distanciamento pela falha no relacionamento do professor com o aluno. A falta de motivação compromete o aprendizado, o que é corroborado por Gil (1997, p. 59), quando ele afirma que a ausência de motivação, mesmo sendo o aluno inteligente e não estando motivado, a sua aprendizagem está comprometida, pois sua atenção e sua energia são desviadas para outros fins.

Assim, entendendo a importância das observações de Lowman (2004), e respaldo em Gil (1997), o professor deve estar atento nas questões comportamentais, que privilegie o relacionamento, a motivação, o reconhecimento das diferenças individuais, estimular a participação, saber ouvir, falar menos, ou seja, ser um facilitador da aprendizagem. No ensino superior, essa construção continua e com maior acuidade, uma vez que se deparará com percepções, comportamentos e valores de mundo diferenciado, constituindo-se muitas vezes barreiras ao processo de comunicação e interação, que foram construídas e originadas no seu processo de formação durante o seu aprendizado cultural, que se encontra arraigado no imaginário de cada um. É necessária uma compreensão maior, uma relação afetiva mais apurada e desenrolada no relacionamento professor – aluno, sem que isso venha comprometer a sua individualidade.

De certo, não dá para fugir da cultura, que determina padrões de convivência no mundo e como lidar com ele. Contudo, não se pode desprezá-la, frente aos avanços e às mudanças que ocorrem dentro dela. Daí a resistência às mudanças estarem sempre presentes como fortalecimento e permanência da cultura, que interfere no entendimento e na aceitação das diferenças que existem entre as pessoas.

Assim entendendo, o professor deve se apropriar das diversas opções metodológicas para organizar sua comunicação com os alunos, ser capaz de buscar o que mais se adéqua para organizar sua comunicação e interagir com os alunos no desenvolvimento dos trabalhos a serem desenvolvidos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que o processo de aprendizagem é coletivo, que a produção de novos conhecimentos advém do processo de mudança, do exercício da curiosidade, da emoção, da responsabilidade além da capacidade crítica para se atingir aos objetivos a que se pretende chegar, o aluno deve adotar uma prática mais ativa, deixando de ser um mero depósito de conhecimento e passando a buscar conhecimentos significativos aos problemas e aos objetivos da aprendizagem.

Como exemplo de atividades construtivas, gratificantes, encontram-se as direcionadas à pesquisa, bibliográfica e ou de campo de cunho acadêmico, no qual o aluno se depara com a realidade, muita das quais desconhecidas, identificando os elementos culturais de um dado segmento social, e tantas outras ações. Concluída a etapa de pesquisa e a produção do documento, os trabalhos devem ser expostos em espaço que divulguem a sua produção e se discuta coletivamente as questões trabalhadas. A aprendizagem é uma via de mão dupla. E nesse contexto, a interação e o estímulo intelectual são fundamentais na geração de atitudes afetivas, que gerem formas positivas de relacionamento e conseqüente aprendizado.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADDOTTI, Moacir. Perspectivas Atuais de Educação. **Congresso Brasileiro de Dinâmica Interpessoal**. 1. Centro de convenções da FIERGS. Porto Alegre, RS, 1999

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Atlas. 1997.

GROSSI, Esther Pillar. A Contribuição da Psicologia na Educação. In: CONTRIBUIÇÕES DAS CIÊNCIAS HUMANAS PARA A EDUCAÇÃO: A PSICOLOGIA. **Em aberto**, Brasília, ano 9, n. 48, out./dez. p. 45-50, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Manole, 2005.

LOPES, Antonia (et al). **Repensando a Didática**. São Paulo: Papirus, 1991.

LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade. **Encontro de Iniciação Científica**. 8. FA-FIUV, 2008. Disponível em: <<http://www.ieps.org.br/ARTIGOS-PEDAGOGIA.pdf>> Acesso em: 27 ago. 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

RANGEL, Ana Cristina Souza. **Educação matemática e a construção do número pela criança: uma experiência em diferentes contextos sócio – econômicos**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1992.

SORDI, M.R.L. **A prática de avaliação no ensino superior: uma experiência na enfermagem**. São Paulo: Cortez/PUCCamp, 1998.

VASCONCELOS, M. L. M. C. **A formação do professor do ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.